

1972

A

Prista Monteiro

bombala

movimento

teatro

PRISTA MONTEIRO

U467701610

A BENGALA

movimento

Uma esplanada dum bar à noite. Ouve-se o ruído próprio destes locais. Várias mesas supostamente ocupadas mas em que se não vêem os ocupantes. Algumas apresentam pequenos copos com flores. Entra alegremente um casal. O Marido apressado reboca a Mulher pela mão e vão trocando entre si segredinhos e risadas. Têm cerca de trinta anos e ambos vêm modestamente vestidos. Ele no lugar da camisa trás um peitilho apenas, por baixo do casaco. O fato é usado e de mau corte. Os sapatos igualmente velhos têm grandes buracos nas solas. A Mulher traz um vestido a que um cinto demasiado apertado evidencia mais a sua desproporcionada largura. Usa uma antiquada mala de senhora e uns óculos de aros pretos e grossos nos quais se destaca muito um remendo de adesivo branco.

São atendidos por um Criado já velho, que os fita numa censura muda.

MARIDO — Ora bem! Um café. Para já um café e bem quentinho. E tu?

MULHER — Eu... eu...

MARIDO — Vá! Escolhe à vontade! Bolos, chocolate, sorvete... vinho... Escolhe anda.

MULHER — Bem! Pode ser um café.

MARIDO — Ora, ora, ora! Café! Eu, é só para começar. Pede outra coisa... um chocolate, por exemplo. Come um chocolate.

MULHER — Ah! Isso... não é muito caro?

MARIDO — Não! Já disse que hoje não quero chatices.

MULHER — Bem! Então... se achas que podemos... Lá bom é!!

MARIDO — Pronto! *(Para o Criado)* Traga um chocolate. Olhe! Dois. Dois e dos grandes.

CRIADO — Dos grandes? Esses!... Bem! Mas temos agora aí uns...

MARIDO — Está bem. Mas nós queremos dos grandes.

CRIADO — E trago também o café?

MARIDO — Traga, sim.

(O Criado retira-se murmurando e o casal recomeça a segredar com alegria. Depois, o Marido subitamente olha em redor como quem procura algo.)

MULHER — Que é?

MARIDO — Chatice! Logo viemos para uma mesa sem flores!...

MULHER — É verdade! Olha, ali! Aquelas têm.

MARIDO — Estou a ver.

(Levanta-se entusiasmado com a sua ideia e estende a mão para uma mesa. Porém tem que suspender e desculpar-se para alguém. A Mulher ri.)

MULHER — Deixa lá. Estamos bem assim.

MARIDO — Não, não! Se há flores, também quero.

(Repete a cena para outra mesa, mas desta vez com êxito, embora tenha que disfarçar a jarra com o corpo até a colocar na sua mesa, manobra que termina às gargalhadas.)

MULHER — Chocolate, hem! Que bom! Olha! Até há uns, que têm bocadinhos de coisas por cima. É verdade! Nozes... amêndoas... Já tenho visto! E se trouxessem um desses?

MARIDO — Bem! Pedi dos grandes... E hoje... depois do chocolate há-de vir cerveja. Depois da cerveja, bolos. Depois dos bolos, uns lombinhos... e... e tudo o que me apetecer. Uf! Também... tive um dia na loja... Dez tabuletas... quatro ou cinco cartazes... dos grandes... Pinteí para cima dumas oitenta palavras.

MULHER — Deves estar muito cansado!

MARIDO — Cansado? É verdade! Mas não! Não estou! Agora não estou! E... queres saber? Hoje até me lembro do teu nome. Hem! E tu?

MULHER — Também, também! E-do-teu!

MARIDO — Do meu? É possível! É!

MULHER — Sim, sim! Do teu. Tu, ainda não sabes? Ah! Não sabes não! António?... Pedro?... Ham? Fernando?... Ah! Ah! Não sabes não!

MARIDO — Espera! Sei sim! Hoje... é natural!

MULHER — Então vá lá. Tenta!

MARIDO — Fernando...

MULHER — Frio! Muito frio!

MARIDO — Cala-te! Deixa-me pensar. Bem! Pedro?

MULHER — Melhor! Isso já é melhor! Está... está morno!

MARIDO — João! João! Não é? É isso! João! É mesmo! Oh! Há quanto tempo... Sim senhor! João!

(Riem-se bastante e por fim a Mulher diz:)

MULHER — Hem! Que tal? Isto é que está a ser uma noite! Temos tudo.

MARIDO — Vês? E está tudo pago. Tudo! Faltava a renda... paguei-a há bocado.

MULHER — E ainda sobraram cinquenta, não foi?

MARIDO — Nem mais! E agora... toca a aproveitar.

MULHER — *(rindo)* Ah! Ah! Bem! Se calhar estamos doidos... mas ora!

(Chega o Criado. O casal suspende o diálogo e enquanto o Marido bebe rapidamente o café a Mulher procede com alegria mas meticulosamente à operação de desembulhar um enorme chocolate que põe à sua frente e começa cuidadosamente a comer os pedacinhos que ficaram agarrados à prata que o envolvia.)

MULHER — Oh!... Oh!... Mas... que bom! *(Surpreende o Marido a dar já uma larga dentada no chocolate dele e grita-lhe:)* Eh! Devagar! Não faças isso!

MARIDO — Ham! Não? Porquê?

MULHER — *(Apontando os restos agarrados ao envólucro e mostrando como deve fazer)* Aproveita...

MARIDO — Ah! Tens razão! Tens!

MULHER — O resto... já não sabe tão bem... *(Comem em silêncio)* Então? Que tal?

MARIDO — Hum! Sabe-me... a peúgas molhadas, a... a recibos... a... peixe frito!

MULHER — O quê?

MARIDO — *(Súbitamente larga a prata e volta a comer à vontade o chocolate)* Não! Hoje não estou para chatices!

(Enfia o que resta do seu chocolate pela boca e rindo tenta chamar o Criado.)

MULHER — Endoideceste, homem!

MARIDO — Faz favor! Mais duas tabletes destas.

MULHER — Não, não! Para mim não! Eu já estou muito bem.

MARIDO — Ora! Faça favor. Traga também para a minha mulher.

(Sai o Criado.)

MULHER — Assim não vale. Duas para cada um... Não havia necessidade! Assim é... é estragar.

MARIDO — Estragar? Estragar? É a primeira vez que aproveitamos. Ora experimenta.

(Chega o Criado. O Marido desembulha uma tablete que estende à Mulher. Esta parte um pequeno pedaço que mete na boca. O Marido rindo tira-lhe o resto e enfia-lho inteiro na boca. A Mulher ri também e depois manifesta o seu espanto:)

MULHER — Não é chocolate!

MARIDO — Ai não, não é!

MULHER — Já disse. É outro doce qualquer.

Este livro, edição do Autor, foi
composto e impresso na Tipografia
Freitas Brito, Lda., de Lisboa, em
Maio de 1972 e é distribuído por

movimento

Distribuições Movimento, Lda.
Apartado 2427
Lisboa-2